

RESENHA

UMA COMUNIDADE IMAGINADA CHAMADA NAÇÃO

Anselmo Peres ALÓS

Professor Visitante da Universidade Federal da Integração Latino Americana (UNILA); Professor Colaborador do Instituto Superior de Comunicação e Imagem de Moçambique (ISCIM)
E-mail: anselmoperosalos@yahoo.com.br

MIRANDA, Wander Melo. *Nações literárias*. Cotia (SP): Ateliê Editorial, 2010. 224p.

Wander Melo Miranda, professor titular de Teoria Literária na Universidade Federal de Minas Gerais, é um dos grandes nomes do comparatismo brasileiro. Autor de vários livros e coletâneas de ensaios sobre literatura brasileira e latino-americana, sempre sob um viés comparatista, merece que sejam mencionados, entre os vários livros que escreveu e organizou, *Corpos escritos: Graciliano Ramos e Silviano Santiago* (2009) e *Local/Global* (1998). Trabalhando nas fronteiras do conhecimento, o autor explora, ao longo de *Nações literárias*, sua nova coletânea de ensaios publicada pelo Ateliê Editorial, as diferentes modalidades por meio das quais o discurso literário, a música popular brasileira, o cinema nacional e a fotografia colaboram para a constituição de uma identidade nacional, refletindo, nas análises que tece em torno de seus objetos de estudo, sobre questões que envolvem estética, política e sociologia. Tal como ele afirma, “fazer uma nação e fazer uma literatura são processos simultâneos” (p. 17). Desta maneira, ao abordar diferentes artefatos culturais em uma perspectiva comparatista, Miranda colabora, ainda que de modo transversal, para um importante debate sobre a intermedialidade que permeia as relações entre a literatura e os outros sistemas semióticos, tomando como *terminus comparationis* uma mirada genealógica sobre a construção, a problematização e a desconstrução da identidade nacional.

Nações literárias compõem-se a partir de vários textos publicados pelo autor em revistas e periódicos especializados e está organizado em três partes. Cada uma delas pode ser caracterizada pelo seu respectivo texto de abertura, o qual serve de mote e pedra de toque para os escritos que lhe seguem, nas

quais discute a questão da identidade nacional na literatura (primeira parte), os embates e confrontos entre pós-modernidade e a tradição cultural (segunda parte) e a frágil dialética envolvendo a discussão entre cosmopolitismo *versus* regionalismo (terceira parte).

O primeiro bloco de ensaios é aberto por “Nações literárias” (p. 15-24), o qual empresta seu título à coletânea. Partindo de *insights* teóricos advindos de Benedict Anderson e Homi K. Bhabha, Miranda discute as (im)possibilidades do discurso literário na manutenção de uma identidade monolítica que corresponda a uma brasilidade hegemonicamente idealizada, afirmando que “a construção cultural da ‘nação’ é uma forma abrangente de filiação social e textual, dada pelo cruzamento de verdades e falsificações (propositais ou não) capazes de exceder as margens das convenções literárias e dos lugares-comuns ideológicos” (p. 21). Essa afirmação é posta à prova na análise que o autor faz do romance alencariano, apresentada no ensaio “Heterogeneidade e Conciliação em Alencar” (p. 25-34), no qual afirma que “há uma superposição de temporalidades e de espaços distintos na tessitura da jovem nação independente, ainda marcada fortemente pelo sistema escravista, que o escritor prefere desconhecer como esteio da nossa formação nacional” (p. 26). Dando relevo aos romances *Iracema* (1865) e *Lucíola* (1862), é destacada a tentativa de suplementar o vazio operatório resultante do esforço para harmonizar natureza e cultura nos romances de Alencar, por meio daquilo que chama de “entrelugar do feminino”.

“A narrativa da nação é um jogo sutil entre lembrar e esquecer” (p. 25), afirma. Para que uma identidade nacional estruture-se de maneira a organizar a vida social, é necessária a violência do esquecimento, expressa na premissa de que o próprio fato de não haver uma origem fundacional deve ser olvidado e falseado, em nome da manutenção de uma precária “impressão de totalidade” que abarque a coletividade. Esta violência inaugural é a que instaura o *pluribus unum* da nação, movida pelo privilégio do bem comum em detrimento dos interesses individuais daqueles que formam o corpo nacional. Esta violência inaugural, presente no momento inaugural das identidades nacionais, envolve a rasura dos mitos de origem, tal como expresso no ensaio seguinte, intitulado “Imagens de memória, imagens de nação” (p. 35-54): “sem o esquecimento da violência existente na origem de todas as formações nacionais é impossível conseguir-se a unidade que as constitui” (p. 35). Recuperando a diferenciação feita por Homi K. Bhabha em *O local da cultura* (1998) entre a “dimensão pedagógica” e a “dimensão performativa” das narrativas da nação, o autor salienta o papel crucial que os interesses hegemônicos assumem quando o coletivo e o individual são colocados em confronto: “as narrativas identitárias constroem-se, no âmbito de uma concepção pedagógica, pela renegociação constante do princípio que reafirma o interesse geral contra os interesses particulares, o bem comum contra o privilégio” (p. 36). O resultado dessa negociação pela identidade nacional, engendrada na interface do cultural, do estético e do político, assume sua forma plena apenas por intermédio do gesto de leitura dos

artefatos culturais, ou seja: a comunidade imaginada só se constitui como tal na medida em que funciona como uma comunidade de leituras, os quais leem o nacional a partir de protocolos de leitura que rasuram o passado como elementos significativos do presente: “encadear uma palavra ou uma história na outra é fundar com o leitor uma comunidade narrativa – *imaginada* – porque efeito de um desejo que se traduz em imagens de um tempo pleno de agoras” (p. 50).

Ao pensar sobre as narrativas literárias da nacionalidade, tomando como objeto de análise as *Memórias do cárcere* (1953) de Graciliano Ramos em “Sem Pátria” (53-66), Miranda faz algumas importantes perquirições a respeito do gênero autobiográfico, modalidade literária que gozou de pouco prestígio ao longo de grande parte do século XX, sempre colocada sob a suspeita de mero depoimento da experiência vivida, sem calibre estético. Para Miranda, que analisa o gênero autobiográfico tendo em mente o caso específico de Graciliano Ramos, “a autobiografia desempenharia, dentre outras, a função de urdir os pontos de intersecção da experiência pessoal e da experiência política, acrescentando novos dados àqueles já descortinados pelos romances” (p. 59). Cabe aqui, a título de exemplo, retomar as próprias palavras de Graciliano Ramos sobre as intrincadas relações entre poder, escrita e auto-expressão: “liberdade completa ninguém desfruta: começamos oprimidos pela sintaxe e acabamos às voltas com a delegacia de ordem política e social, mas, nos estreitos limites a que nos coagem a gramática e a lei, ainda nos podemos mexer” (RAMOS, 1953, p. 3). As preocupações com a escrita de viés memorialista também ocupa as páginas de “Anatomia da memória” (p. 77-86), nas quais é analisada a obra *Baú de ossos* (1972), do médico e escritor mineiro Pedro Nava, bem como as de dois ensaios da terceira parte do livro: “A liberdade do pastiche” (p. 131-136), onde Miranda analisa a ficção de Roberto Arlt e Italo Calvino, e “A memória de Borges” (p. 137-142), em que se ocupa de revisitar o conto “Funes, el memorioso”, uma das mais intrigantes reflexões borgianas em torno da constituição da memória.

Analisando a produção romanesca no Brasil na década de 50, e dando especial atenção aos escritores Cornélio Penna (1896-1958) e Lucio Cardoso (1913-1968), o ensaio “As casas assassinadas” (p. 67-76) procura explicar o funcionamento do “o paradoxo *literário* de narrar a nação pela sua impossibilidade de fundação política” (p. 73). A partir do confronto das obras de Penna e Cardoso, Miranda identifica que os autores buscam, em suas obras, “rasurar o valor do moderno pela assombração do passado que teima em não ir embora e permanece” (p. 73). Em um momento no qual a história brasileira passava por um surto desenvolvimentista, a literatura traz à superfície dos discursos nacionais outras memórias, assombradas pela herança patriarcal das casas-grandes, que coloca em xeque o projeto de modernização que a todo custo tentava rasurar as feridas passadas da história nacional. Já em “Tons da nação na MPB” (p. 87-95), Miranda trabalha com o esfacelamento e a reconstrução da identidade nacional por intermédio da MPB, dando destaque em suas análises

para canções de Ary Barroso, Rubem Soares, Chico Buarque, Caetano Veloso e Cazuza. De acordo com Miranda, “a emergência do excluído, ao romper a afasia que mantinha a metáfora da unidade nacional, no caso, a ‘aquarela’, desenha linhas de fuga que irão forçar a redistribuição de cartas políticas e ideológicas no tempo homogêneo e vazio da narrativa pedagógica nacional” (p. 91).

Na segunda parte, os capítulos orbitam em torno da questão da “Pós-Modernidade e tradição cultural” (p. 99-110): a partir da interpretação de diferentes artefatos culturais latino-americanos, Miranda salienta que a pós-modernidade pode ser lida como a condição epistêmica que, na América Latina, tenta dar conta da falência de um desenvolvimentismo que teve lugar nas ditaduras latino-americanas: “somos modernos sendo pós-modernos” (p. 100). Em sua releitura das condições de possibilidade da pós-modernidade na América Latina, o autor apresenta o pós-moderno como reescritura da modernidade na qual se lê o desejo latino-americano pela modernidade: “o pós-moderno só teria sentido, portanto, enquanto reescrita da modernidade, levada a efeito, para Lyotard, a partir de um ato de escuta do passado, que, ao invés de repeti-lo” (p. 101). Miranda desloca as reflexões de Jacques Derrida, em especial aquelas em torno da lógica do suplemento, para o campo dos estudos literários, identificando os aspectos silenciados da cultura brasileira com suplementares, de maneira que, quando resgatados, não apenas adicionam novos aspectos à compreensão da totalidade, mas desestabilizam com o próprio cálculo que leva à totalidade, evidenciando as lacunas semânticas da memória nacional. Para ele,

[...] o resgate de objetos culturais diferenciados intervém na adição que busca totalizar, pela semelhança unificadora, os traços de identidade de uma cultura. O resultado dessa operação traduz-se na promoção de relações que formam um espaço de significação descentrada, aberto a modalidades residuais ou alternativas de atuação (p. 105).

Em tempos de trânsitos interdisciplinares, transdisciplinares e mesmo pós-disciplinares, todos eles caros ao comparatismo (e não sem disputas sobre as nuances semânticas que diferenciam estes três termos), o autor afirma, sem hesitação, o lugar privilegiado dos estudos literários para problematizar as questões envolvidas na leitura e interpretação dos artefatos culturais: “o objeto literário é, sem perder sua identidade, ponto nevrálgico da reflexão transdisciplinar, espaço de intercâmbio e interferência de saberes distintos e formações discursivas do imaginário social e político” (p. 119). Esta afirmação, que faz parte de seu texto intitulado “Fronteiras literárias” (p. 111-120), encontra ecos particularmente evidentes com o trabalho de diversos outros comparatistas. Entre as publicações mais recentes, cabe destacar a sintonia das preocupações epistemológicas de Wander Melo Miranda àquelas apresentadas nos ensaios do livro *Sob o signo do presente: intervenções comparatistas* (2010), organizado por Rita Terezinha Schmidt, professora do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

A questão da materialidade do texto literário nos novos tempos de internet e comunicação virtual também é uma das temáticas que são abordadas por Miranda. Em “Ficção virtual” (p. 121-130), ele trabalha com a questão da literatura e suas interfaces com a ideia de hipertexto e de interconexão na contemporaneidade. Segundo eles, “se atribuir sentido a um ‘texto’ é conectá-lo a outros, é construir um hipertexto, o sentido será sempre móvel, em virtude do caráter variável do hipertexto de cada interpretante: o que importa é a rede de relações estabelecida pela interpretação” (p. 123-124). A questão da interpretação textual e das novas modalidades do político nos ambientes digitais também foi abordada em número recente da revista *Ipotesi*, publicada pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora (ver, por exemplo, ALÓS, 2010, p. 69-80). Em “Memória: modos de usar” (p. 143-152), último texto da segunda parte do livro, são tecidas considerações sobre o papel da memória nas autobiografias ficcionais de Silviano Santiago, dando destaque para a análise de *Em liberdade* (1981) e *Viagem ao México* (1995). A discussão apresentada por Miranda sobre Silviano Santiago estende-se até o ensaio “Ficção-passaporte para o século XXI” (p. 153-164), quando discute *Passaporte* (2001), o pequeno livro-objeto de Fernando Bonassi. Refletindo sobre a constituição do discurso-memorialista-biográfico falseado por Santiago, Miranda chega a uma instigante equação em torno da narrativa, da memória e dos pontos de silêncio do narrador autobiográfico:

[...] diz-se que uma história está mal contada quando algo dela é subtraído ao ouvinte ou interlocutor; quando a narrativa permanece em suspenso, entrecortada por silêncios e pontos obscuros – intencionais ou não – que atijam nosso desejo de ir mais além das palavras. O bom texto literário é, nesse sentido, uma história mal contada (p. 158-9).

Finalmente, entre os textos incluídos na terceira parte de *Nações literárias*, “Local/Global” (p. 165-174) discute a dialética entre universalismo e regionalismo, uma polêmica presente em diversos círculos intelectuais latino-americanos ao longo do século XX, problematizando, simultaneamente, a memória, a violência e a autenticidade de uma voz própria do intelectual latino-americano em tempos de globalização do capital e dos bens culturais. Em “A forma vazia: cenas da violência urbana” (p. 183-194), o autor faz um exercício comparatista transdisciplinar ao aproximar, pelo veio de uma leitura que privilegia a compreensão das políticas de silenciamento e representação da violência no imaginário nacional, a exposição fotográfica *Imemorial* (1994), de Rosângela Rennó e o romance *Cidade de Deus* (1997), de Paulo Lins. Se a recuperação da memória na obra de Rennó é constituída “através de um ato contraditório de subtração e esquecimento forçado” (p. 184), Paulo Lins, em seu compromisso de voz aos moradores da favela Cidade de Deus, institui através da sua narrativa uma “situação-limite da escrita, que se vê de certo modo coagida pela forma hegemônica do romance e, ao mesmo tempo, tem de fazer dela um campo discursivo aberto o suficiente para articular uma linguagem subalterna” (p.

188). Encerrando suas discussões, como uma espécie de chave de ouro pós-moderna, Miranda discute em “Latino-americanismos” (p. 195-202) o livro *A exaustão da diferença: a política dos estudos culturais latino-americanos*, de Alberto Moreiras (2001), deslocando a repetida discussão do valor literário para um campo mais pantanoso, mas nem por isso menos instigante: a questão do valor epistemológico dos “latinoamericanismos”, isto é dos discursos críticos sobre a cultura latino-americana produzidos “fora” da América Latina.

Nações literárias não se configura apenas como o livro de um pesquisador que vem dedicando sua carreira a produzir conhecimento sobre o fenômeno literário e suas intersecções com a constituição da identidade nacional brasileira. É também um subsídio fundamental para que se avance no conhecimento produzido no campo da literatura comparada, uma vez que comprova o fato de que, em tempos de globalização e de massificação das identidades sociais, a categoria “nação” ainda está longe de ter seu potencial crítico esgotado. ☐

Referências

ALÓS, Anselmo Peres. Heterotopias hipertextuais: escrevendo mundos digitais em *La ansiedad e keres kojer = guan tu fak*. *Revista Ipotesi*, Juiz de Fora (MG), vol. 14, nº 1, jan./jul. de 2010, p. 69-80. Disponível em: www.ufjf.br/revistaiptotesi/files/2009/10/hetotopias-hipertextuais.pdf. Acesso em: 20 de fevereiro de 2011.

BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

MIRANDA, Wander Melo. *Corpos escritos*: Graciliano Ramos e Silviano Santiago. 2 ed. São Paulo: Editora da USP, 2009.

MIRANDA, Wander Melo. *Global/Local*. São Paulo: Fundação Memorial da América Latina, 1998.

RAMOS, Graciliano. *Memórias do cárcere*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1953. Volume I, p. 6.

SCHMIDT, Rita Terezinha. (Org.) *Sob o signo do presente: intervenções comparatistas*. Porto Alegre: UFRGS, 2010.